CERÂMICA ARQUEOLÓGICA DO MUSEU DE ERVAMOIRA

Gonçalves GUIMARÃES*

A cerâmica da Estação Arqueológica de Ervamoira

Desde 1985, data do início do estudo da Estação Arqueológica de Ervamoira, que a cerâmica tem desempenhado o papel tradicional de "fóssil director" para o entendimento da ocupação humana do sítio, pontualmente balizada também pela numismática e por outros indicadores materiais.

Efectivamente, logo após o achado do sarcófago que levou à descoberta da estação [1], foi a cerâmica, nomeadamente a *tegula* e alguns fragmentos de cerâmica da Alta Idade Média, os vestígios de superfície que permitiram encontrar as estruturas datadas de entre os séculos III e XIII, balizas cronológicas desta estação até agora confirmadas.

Ao longo das campanhas empreendidas desde então foram exumados milhares de fragmentos cerâmicos de diversas épocas, características e utilizações, basicamente distribuídos pelas seguintes categorias:

I - Materiais de construção
II - Cerâmica de cozinha, copa e mesa
III - Cerâmica de produção de conservados
IV - Cerâmica de armazenamento e de transporte
V - Cerâmica oficinal
VI - Outras peças cerâmicas

para cada um dos seguintes horizontes culturais:

A - Cerâmica Pré-romana
B - Cerâmica Romana
C - Cerâmica da Alta Idade Média
D - Cerâmica de influência mediterrânica
E - Cerâmica da Idade Média
F - Cerâmica Pós-medieval

os quais passamos a caracterizar mais pormenorizadamente.

A - Cerâmica pré-romana

Têm aqui aparecido alguns, poucos, fragmentos de cerâmica feita à mão, descontextualizada, que nos parece ser pré-romana. O facto de não ter sido feita ao torno, só por si, não garante aquela cronologia e, por outro lado, ainda não foram encontradas estruturas que com ela estejam relacionadas. Alguns outros vestígios [2] são também irrelevantes para definir um horizonte de ocupação.

B - Cerâmica romana

Nos diversos sectores da estação apareceram fragmentos de todas as categorias de cerâmica romana [3], mesmo em sectores medievais, aqui descontextualizados ou reaproveitados.

A maior variedade é, naturalmente, do sub-grupo II (cerâmica de cozinha, copa e mesa), o qual apresenta *sigillata* importada, cerâmica pintada, cinzenta e laranja de paredes finas e algumas produções de provável fabrico regional ou mesmo local.

Saliente-se aqui que, para além da quantidade, da variedade tipológica, da profusão de pastas e de técnicas e gramáticas decorativas, o facto de numa mesma estação se juntar tanta cerâmica "rica" com cerâmica "comum", só confirma a obrigatoriedade de passagem por este local, qualquer que fosse a categoria dos viajantes e dos seus séquitos.

Obviamente que nem toda a cerâmica aqui encontrada foi aqui utilizada. É provável que muitos dos fragmentos isolados aqui existentes sejam apenas o resultado do limpar dos fundos das carroças em trânsito.

Quanto à cerâmica de armazenamento, incluindo alguns *dolia* de grandes dimensões, poderão estar relacionados com o acondicionar dos alimentos, nomeadamente de cereais e de vinho [4]. É aqui reduzidíssimo o número de fragmentos de ânforas.

Nas "outras peças" incluímos, por exemplo, os pesos de tear e os cossoiros redondos, cónicos e cilíndricos aqui encontrados [5].

C - Cerâmica da Alta Idade Média

No que diz respeito ao sub-grupo C II a diferença de quantidade, variedade e qualidade cerâmica em relação ao horizonte cultural anterior é enorme, o que dificulta mesmo a reconstituição de algumas peças.

Nas "outras peças" incluímos as que têm gravadas símbolos cristãos, nomeadamente a *tegula* com o *chrismon* cruzado que está na origem do emblema do Museu de Ervamoira: não obstante se tratar de material cerâmico de cobertura, estamos convictos de que ela terá servido mais para qualquer fim religioso (sepultura, tampa de lepsinoteca, por exemplo) do que no telhado da própria basílica em que foi encontrada [6]. Como o demonstraram outras estações, e também esta, o fabrico de *tegulae* continua no período visigótico, apresentando-se alguns exemplares desta época nesta estação profusamente decorados com meandros, círculos, losangos encadeados com ponto central, etc..

O facto de aqui ter sido encontrado um fuzilhão recém-fundido, isto é, sem desgaste de utilização [7], bem assim como muitos outros vestígios de actividade metalúrgica em estruturas pós-romanas, leva-nos a considerar o sub-grupo C IV, composto por uma *tubeira* e por tijolos curvos utilizados na chaminé dos fornos de fundição destruídos após cada operação. Embora a sua datação seja problemática e a sua utilização possa ter ocorrido ao longo da Idade Média, enquadrámo-los, à espera de melhores dados, neste lugar da seriação cronológica.

D - Cerâmica de influência mediterrânica

Este grupo, até à data, está representado apenas por um *dolium* profusamente decorado, do qual infelizmente ainda só se encontraram os fragmentos da metade superior [8]. A sua datação poderá ser contemporânea da dominação árabe.

E - Cerâmica da Idade Média

Tendo este sítio ocupação confirmada até ao período dionísimo, não admira que aqui se encontrem grandes quantidades de cerâmica medieval, toda ela negra ou muito escurecida, quase toda grosseira, embora algumas peças apresentem um perfil elegante e pasta mais depurada, como é o caso de algumas panelas ou *olas*.

De referir ainda a existência de pratos na tradição dos de fabrico romano, porém brunidos exteriormente e mais toscos.

A existência de grandes lareiras, relacionadas com casas medievais, com abundante espólio cerâmico e osteológico animal, permitem-nos ainda tentar uma relação entre espécies cozinhadas e a baixela utilizada. Em duas dessas lareiras, respectivamente no sector VI, no exterior de uma casa, e no sector III, num canto da oficina de fundição/ferraria, existiam ainda *in situ* alguns dos esteios em xisto de tripés para suspensão de vasos sobre o fogo, facto também corroborado pelo achado de exemplares de peças com asas de suspensão. Um fragmento de vaso com um mamilo, como os da Idade do Bronze, aqui deve querer apenas dizer que estamos perante uma "decoração *revivalista*".

Incluímos, com muitas reticências, neste grupo, as peças destinadas ao fabrico do queijo ou da manteiga, das quais existem uma quase inteira e mais alguns fragmentos de outras. Na realidade o tipo de pasta destas peças levar-nos-ia mais a considerá-las altimediévicas, até porque há paralelos no mundo tardo-romano [9]. A continuação da aferição dos dados arqueológicos poderá no entanto vir a rever a colocação épocal destas peças.

Quanto à cerâmica de armazenamento, para além de alguns potes com fundos de "disco" e outros *dolia*, na ferraria foi encontrada uma grande talha, com 54 cm de altura e com capacidade provável de um almude (25 litros), de barro micáceo e com decoração em meandros na gola.

Nas "outras peças" incluímos "fichas" de jogar, pequenas patelas de cerâmica, muitas vezes reaproveitada, que provavelmente também poderão remontar ao período romano.

Algumas peças de barro parece terem sido usadas como vasilhas de água para auxílio nos trabalhos da forja, como a talha acima descrita. Nesse caso o seu enquadramento funcional teria de ser revisto. Se bem que noutros contextos a produção de *tegula* e *imbrex* tenha continuado na Idade Média, não será aqui o caso.

F - Cerâmica pós-medieval

Como a colina onde se localiza a estação foi agricultada, não se sabe desde quando, até há cerca de trinta anos, tal justificaria o aparecimento de alguma cerâmica pós-medieval, sabido o hábito de os ceifeiros se dessedentarem com bilhas de água. Conhecido já um dos principais, senão o único, centro oleiro da região, um dos projectos de investigação do Museu está interessado em tentar estabelecer a ligação entre a produção medieval e a que chegou aos nossos dias. Daí que este grupo cerâmico tenha aqui inteiro cabimento, *até porque está prevista a futura escavação da área da capela ou eremitério que perpetua* o povoamento desta Quinta depois do século XIII até ao século XVII ou XVIII, quando foi construída a Casa onde actualmente está instalado o Museu [10].

Cerâmica arqueológica do Museu de Ervamoira

No Museu de Ervamoira [11] a cerâmica tem pois um justo e merecido destaque. Para além de na Sala de Património Natural estar exposto um painel da Geologia da região, onde se mostram os afloramentos argilosos, na Sala de Património Etnoarqueológico há todo um painel e um expositor dedicados à olaria de Santa Comba, além de outras peças, de que adiante falaremos.

Mas o que agora nos motiva neste trabalho é a descrição e lição arqueológica das peças provenientes da intervenção na estação existente na Quinta e distribuídas pelas

diversas salas. Pode também o visitante aperceber-se de que no laboratório do Museu se procede a criteriosa análise dos milhares de fragmentos exumados os quais, após permitirem o estudo e a reconstituição dos vasos a que pertenceram, passarão igualmente a ser expostos.

Catálogo por ordem cronológica:

B - Cerâmica romana

I - Materiais de construção

1 - *Tegula*

Pasta de argila laranja avermelhada, grosseira, com muitos fragmentos irregulares de quartzo incorporados.

Tem dois rebordos laterais do tipo 1-F, mas pelas medidas aproxima-se do tipo 4C-SME (GUIMARÃES, 1993).

Apresenta um orifício no canto superior direito do corpo da *tegula*, destinado ao prego de fixação ao madeiramento do telhado.

A face superior apresenta-se mais lisa do que a inferior, que está desgastada. Não tem qualquer decoração.

Dimensões: 54x40x4,5; rebordo: 4,5x3cm.

Jazida: esta *tegula* pertenceu ao telhado da *taberna* do século IV, tendo sido encontrada no interior da mesma (SME II; I4.03: 89.08.08). Estava dividida em quinze fragmentos.

Função: cobertura de edifício; telhado.

Exposição: sala de Etnoarqueologia.

Referências: RSME 5; *idem* 6 (C7).

II - Cerâmica de cozinha, copa e mesa

2 - Prato

Pasta de cor rosada alaranjada grosseira e com fragmentos de quartzo incorporados. Superfície interna alisada em círculos concêntricos e a externa brunida, com ligeira depressão na parede lateral junto ao fundo. Fundo desgastado e ligeiramente fumigado.

Dimensões: Bordo: ∅ 28,5; fundo: ∅ 22; altura 5,2 cm.

Jazida: os dois fragmentos deste prato apareceram na *taberna* do século IV, no interior da mesma (SME II; I6.02: 88.07.29).

Função: servir alimentos.

Exposição: sala da Estação Arqueológica de Ervamoira.

Referências: RSME 4 (C5); *idem* 5.

3 - Prato

Pasta grosseira, micácea, de cor rosada alaranjada no interior, onde a superfície foi alisada, e de cor castanha e ligeiramente brunida no exterior. Fundo desgastado e com vestígios de fumigação.

Dimensões: bordo ∅ 32; fundo ∅ 27,5; altura 5,4 cm.

Jazida: os quatro fragmentos deste prato aparecem na *taberna* do século IV, no interior da mesma (SME II; G4.01: 91.08.07).

Função: servir alimentos.

Exposição: sala da Estação Arqueológica de Ervamoira.

Referências: RSME 7.

4 - Pratinho

Pasta avermelhada, com bastantes desengordurantes, de superfícies alisadas e vestígios de fumigação no bordo e fundo.

Dimensões: bordo Ø 14; fundo Ø 11; altura 3,3 cm.

Jazida: o único fragmento apareceu à superfície na área da *taberna* do século IV (SME II; G5.00: 91.08.02).

Função: servir alimentos.

Exposição: sala da Estação Arqueológica de Ervamoira.

Referências: RSME 7 (C25).

5 - Tigela

Tigela de formato empinado, com pasta bege acastanhada, homogénea mas com alguns desengordurantes à superfície, com o interior e exterior alisados e com marcas de fogo.

Dimensões: bordo Ø 15,2; fundo Ø 5; altura 6,1 cm.

Jazida: os vinte e seis fragmentos apareceram no interior da *taberna* do século IV (SME II; J4/J5.01: 88.07.21 e I6/J5/J6.01: 88.07.26)

Função: servir alimentos.

Exposição: Sala da Estação Arqueológica de Ervamoira

Referências: RSME 4 (C3); *idem* 5.

6 - Tigela

Pasta acastanhada, de aspecto brilhante devido a grande quantidade de mica, com engobe vermelho no exterior e vestígios no interior e marcas de fumigação no exterior.

Dimensões: bordo Ø 18,6; fundo Ø 7,1; altura 7,5 cm.

Jazida: os oito fragmentos da peça foram encontrados no interior da *taberna* do sec. IV (SME II; J4.03: 88.07.26).

Função: servir alimentos.

Exposição: sala da Estação Arqueológica de Ervamoira.

Referências: RSME 4 (C4); *idem* 5.

7 - Tigela

Pasta bege homogénea e fina recoberta com engobe vermelho *pompeiano*, apresentando a superfície brilhante devido à presença de micas muito pequenas. O engobe apresenta desgaste tanto no interior como no exterior.

Dimensões: bordo Ø 18; fundo Ø 6,4; altura 6,7 cm.

Jazida: os trinta e quatro fragmentos desta peça apareceram dispersos no interior da *taberna* do século IV (SME II; F4.02: 91.07.12; G2.01: 92.08.04; G3.02: 92.08.04 (2); H3.02: 90.08.06 (4); H3.02: 90.08.02; H4.01 (lareira): 90.08.07; H6.01: 92.08.03; J12.01: 94.08.09; O10.01; 95.07.25).

Função: servir alimentos.

Exposição: sala da Estação Arqueológica de Ervamoira.

Referências: RSME 6 (C22) *idem* 7; GUIMARÃES; 1997, 23; *idem*, 1998 a e *idem* 1998 b.

8 - Tigela de aba

Tigela de aba ou pratel, de pasta bege, com engobe interior e exterior vermelho. O interior tem marcas de fumigação e no exterior o engobe é residual por desgaste, bem assim como na base do fundo.

Dimensões: bordo Ø 16,3; aba 2; fundo Ø 5,2; altura 4,3 cm.

Jazida: os vinte e três fragmentos desta tigela apareceram na *taberna* do século IV, no interior da mesma (SME II; I4.03: 89.08.07).

Função: servir alimentos.

Exposição: sala da Estação Arqueológica de Ervamoira.

Referências: RSME 5 (C9); *idem* 6.

C - Cerâmica da Alta Idade Média

VI - Outras peças cerâmicas

9 - *Tegula*

Pasta grosseira de cor alaranjada com muitos desengordurantes.

Tem dois rebordos laterais da forma do tipo 2 F-SME (GUIMARÃES; 1993)

Apresenta na face celestial, gravado com o dedo do oleiro na pasta fresca, um *chrismon* cruzado, atribuível ao século V [12].

Dimensões: 53x39x5; rebordo: 5x2 cm

Jazida: os nove fragmentos iniciais foram encontrados dentro da área da *basílica paleocristã* (SME IX; L11.01: 94.08); posteriormente, entre os fragmentos de telhas do seu abatido telhado, muitos deles decorados, foi ainda encontrado um décimo fragmento.

Função: simbologia cristã.

Exposição: sala da Estação Arqueológica de Ervamoira.

Referências: RSME 10; GUIMARÃES; 1996 c, 184; GUIMARÃES; 1997, 25; *idem* 1998 a e *idem* 1998 b.

D - Cerâmica de influência mediterrânica

IV - Cerâmica de armazenamento e de transporte

10 - *Dolium*

Pasta de cor bege rosada, com partes fumigadas no interior e no exterior, alisada, com decoração exterior por incisão e por punção e com serpenteados limitados por duas caneluras e uma moldura

Dimensões: bordo Ø 18; altura da parte reconstituída 27,5 cm.

Jazida: Os cinquenta fragmentos que se encontram reunidos foram encontrados no interior de um grande edifício romano (*mutatio*) que na Alta Idade Média foi compartimentado com algumas pequenas divisões (SME VIII; E1 D01: 89.08.10; G1.01: 89.08.06; E2 01: 90.08.09; F1.01: 89.08.08; F2.00: 90.07.31; G1.01: 89.08.10). Aparentemente ainda não foram encontrados fragmentos do fundo que permitam completar a altura da peça.

Função: armazenamento de alimentos.

Exposição: sala de Etnoarqueologia.

Referências: Relatório RSME 6 (C24).

E - Cerâmica da Idade Média

II - Cerâmica de cozinha, copa e mesa

11 - Pote

Pasta de cor negra com algumas zonas de cor rosada, ligeiramente brunida.

No interior há vestígios de matéria orgânica (comida ?).

Dimensões: bordo Ø 19,5; fundo 9,5; altura 12,7 cm.

Jazida: os vinte e seis fragmentos que pertencem a este pote, apareceram numa grande lareira medieval lajeada por *tegulae* sobre a *taberna* do século IV (SME II; G4.00: 91.08.03).

Função: preparação de alimentos.

Exposição: sala de Etnoarqueologia.

Referências: RSME 7 (C26).

12 - Prato

Pasta grosseira de cor rosada com cerca de 1 cm de espessura, fumigada no interior e no exterior, com vestígios de brunimento sobretudo em quatro faixas paralelas, a primeira junto ao bordo, duas a meio da parede lateral e a quarta junto ao fundo tudo com um certo brilho originado por micas de pequeno calibre.

Dimensões: bordo Ø 21,5; fundo Ø 18,2; altura 5,1 cm.

Jazida: os treze fragmentos de que se compõe a peça foram encontrados numa grande lareira medieval lajeada por *tegula* sobre a *taberna* do séc. IV (SME II; H4.01: 90.08.03).

Função: servir alimentos.

Exposição: sala de Etnoarqueologia.

Referências: RSME 6 (C16).

III - Cerâmica de produção de conservados

13 - Queijeira ou Manteigueira

Pasta de cor bege acinzentada com um orifício central no fundo e sete outros na pança logo abaixo do bordo, equidistantes.

Dimensões: bordo Ø 15,8: fundo Ø 9,9; altura 5,2; orifício do fundo Ø 3; altura deste orifício 1,4; orifícios laterais Ø 1; profundidade 0,8, equidistantes 2,8 cm ±.

Jazida: na área da lareira do telheiro de metalurgia (SME III; C-1 01: 86.08.11). A peça apresenta-se completa apenas com a falta de 3/8 que parece terem sido partidos pelo bico do arado. Junto dela foi encontrado um seixo esférico que se ajusta ao orifício central, vedando-o.

Função: fazer queijo ou manteiga.

Exposição: sala de Etnoarqueologia.

Referências: RSME 6; *idem* 7 (C1); GUIMARÃES & PEIXOTO; 1989, 501 e 508; GUIMARÃES; 1997, 29; *idem* 1998 a e *idem* 1998 b.

V - Cerâmica oficinal

14 - Talha

Pasta grosseira, castanha, com bastantes desengordurantes, incluindo micas, com decoração incisa serpentiforme no exterior do colo.

Dimensões: bordo Ø 24,5; Ø máximo 47; altura 54 cm.

Jazida: os sessenta e quatro fragmentos da peça foram encontrados todos juntos sobre o chão da ferraria medieval no exterior do canto nascente do grande edifício romano (SME X; J-7.01/02: 96.08.07). Falta-lhe o fundo e 5/8 do total da peça.

Função: inicial: armazenamento; terminal: tempero de peças de ferro fundido.
Exposição: sala de Etnoarqueologia.
Referências: RSME 12; GUIMARÃES; 1997, 31; *idem* 1998 a e *idem* 1998 b.

Conclusões

Por esta breve amostragem podemos desde já aperceber-nos da variedade e riqueza tipológica da cerâmica proveniente desta estação, quer no que diz respeito à cerâmica romana quer à medieval.

Certamente que os exemplares em exposição são apenas uma pequena parcela do muito que há para estudar e mostrar, mas concerteza que estes permitem desde já perceber alguns dos aspectos fundamentais do quotidiano deste lugar, desde há 1600 anos para cá, sobretudo nos séculos IV a XIII e dos quais destacamos:

- a maestria cerâmica romana;
- os hábitos gastronómicos;
- o comércio a longa distância;
- as crenças chegadas de longe;
- a artesania oleira local;
- as influências mediterrânicas;
- os produtos da pastorícia;
- a sobrevivência do indivíduo e das comunidades.

Nesta apresentação do espólio exposto que é, repetimos, uma pequena amostra do que o Museu virá a ter no futuro, seguimos critérios muito mais museológicos do que ceramológicos, realçando no entanto os dados arqueológicos, certos de que são estes quem, em última análise, nos poderão fazer entender a humanidade que está por detrás destes objectos. Porém essa análise ficará para outras circunstâncias.

Nota final e agradecimentos

Este trabalho é dedicado à Memória do nosso Professor, orientador de Mestrado e incentivador de outras andanças pelo reino do querer conhecer para poder saber, Professor Doutor Carlos Alberto Ferreira de Almeida, de cujo longínquo passamento soubemos nos últimos dias da campanha de escavações de 1996 em Ervamoira. De repente o Côa e o Douro pararam porque, aquém do Mestre que se perdia, nunca mais seria possível conduzir a barca que tínhamos em construção para o porto desejado. Faltou-nos o arrais e ficamos à deriva; ou a recomeçar outra barca, a inventar novo porto.

Para a sua elaboração contei, antes de mais, com o trabalho dos participantes nas escavações em Ervamoira desde 1985 e da Drª Maria da Graça Peixoto que tem dirigido uma parte dessas equipas. Depois com a colaboração das técnicas Maria José Pimenta, Maria José Santos e Paula Espírito Santo que consolidaram e restauraram as peças cerâmicas. Ainda com a equipa que me acompanhou na azáfama de montar o Museu em Outubro de 1997. Um agradecimento muito especial a Susana Guimarães, que desenhou as peças do natural, ao António Jorge Martins que fez os desenhos finais e a Amélia Cabral que informatizou o texto.

Finalmente à Administração da Casa Adriano Ramos Pinto (Vinhos) S.A. que tem dado todo o apoio à realização destes trabalhos.

Bibliografia

Relatórios das escavações, dactilografados:

RSME 1 (1985); GUIMARÃES, Gonçalves; PEIXOTO, Mª da Graça: "Relatório sobre as sondagens arqueológicas realizadas na Quinta de Santa Maria (Erva Moira), freguesia de Muxagata, concelho de Vila Nova de Foz Côa".

RSME 2 (1986): *idem*; *idem*: "Relatório sobre as escavações arqueológicas realizadas durante a campanha de 1986 na Quinta de Santa Maria da Ervamoira...".

RSME 3 (1987); *idem*; *idem*: *idem* 1987.

RSME 4 (1988); *idem*; *idem*: *idem* 1988.

RSME 5 (1989); *idem*; *idem*: *idem* 1989.

RSME 6 (1990); *idem*; *idem*: *idem* 1990.

RSME 7 (1991); *idem*; *idem*: *idem* 1991.

RSME 8 (1992); *idem*; *idem*: *idem* 1992.

RSME 9 (1993); *idem*; *idem*: *idem* 1993.

RSME 10 (1994); GUIMARÃES, Gonçalves: *idem* 1994.

RSME 11 (1995); *idem*: *idem* 1995.

RSME 12 (1996); *idem*: *idem* 1996.

RSME 13 (1997); *idem*: *idem* 1997.

Artigos e livros:

COIXÃO, António do Nascimento Sá (1996); *Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa*. Câmara Municipal de Vila nova de Foz Côa.

Guide to the Antiquities of Roman Britain (1951); The Trustees of the Bristish Museum, Londres.

GUIMARÃES, Gonçalves (1993); "Alguns materiais arqueológicos de estações da margem sul do Rio Douro: as *tegulae*", in LVCERNA, 2ª série, vol. III, [1987], Centro de Estudos Humanísticos, Porto.

GUIMARÃES, Gonçalves (1995) - Arqueologia do Vale do Côa - A Estação Arqueológica da Quinta de Santa Maria da Ervamoira. In *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol. 35 (4) (vol. III das Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular e "Dossier Côa"). Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia; pp. 569 a 575; pp 265 a 271.

GUIMARÃES, Gonçalves (1996 a) - Um Museu de Sítio para a Quinta da Ervamoira (Vale do Côa): Projecto e Programa. In *Espaço e Memória*. Nº 1. Porto: Universidade Portucalense, pp. 147 a 185.

GUIMARÃES, Gonçalves (1996 b) - A Estação Arqueológica da Quinta da Ervamoira - Muxagata, Vila Nova de Foz Côa. In *Douro-Estudos & Documentos*, 1. Porto: Grupo de Estudos de História da Vitivinicultura Duriense e do Vinho do Porto (GEHVID); pp. 263 a 265.

GUIMARÃES, Gonçalves (1996 c), "Arqueologia Paleocristã do Vale do Douro: novas referências arqueológicas": comunicação apresentada ao 2º Congresso Internacional Sobre o Rio Douro in *Livro do Congresso*, Gabinete de História e Arqueologia de Vila Nova de Gaia, p. 28 (resumo).

GUIMARÃES, Gonçalves; coord. (1997) - *Museu de Ervamoira - Guia do Visitante* Vila Nova de Gaia: Adriano Ramos Pinto (Vinhos) S.A.; 56 pp.

GUIMARÃES, Gonçalves; coord. (1998 a) - *Musée d'Ervamoira - Guide du Visiteur*. Vila Nova de Gaia: Adriano Ramos Pinto (Vinhos) S.A.; 56 pp.

GUIMARÃES, Gonçalves (1998 b) - "Das escavações arqueológicas ao Museu de Sítio de Ervamoira: um programa global de investigação multidisciplinar" in *Terras de Côa - Da Malcata ao Reboredo*; Maia: Estrela - Côa; 8 pp.

GUIMARÃES, Gonçalves (1998 c) - *Ervamoira Museum - Visitor's Guide*. Vila Nova de Gaia: Adriano Ramos Pinto (Vinhos) S.A.; 56 pp.

GUIMARÃES, Gonçalves; PEIXOTO, Mª da Graça (1988) - *A Estação Arqueológica da Quinta de Santa Maria da Ervamoira - Muxagata, Vila Nova de Foz Côa (Notícia Preliminar)*. Vila Nova de Gaia: Adriano Ramos Pinto (Vinhos) S.A.; 24 pp.

GUIMARÃES, Gonçalves; PEIXOTO, Mª da Graça (1989) - A Estação Arqueológica da Quinta de Santa Maria da Ervamoira-Muxagata, Vila Nova de Foz Côa: Novos dados. In *Actas do 1º Colóquio Arqueológico de Viseu*. Viseu: Governo Civil; pp. 499 a 508.

GUIMARÃES, Gonçalves; PEIXOTO, Mª da Graça (1994) - A Estação Arqueológica da Quinta de Santa Maria da Ervamoira - Muxagata, Vila Nova de Foz Côa. In *Gaya* VI (Actas do 1º Congresso Internacional Sobre o Rio Douro). Vila Nova de Gaia: Gabinete de História e Arqueologia; pp. 235 a 262.

PEIXOTO, Maria da Graça - ver RSME 1 a 9; GUIMARÃES & PEIXOTO; 1988; *idem* 1989; *idem* 1994.

PÉREZ LOSADA, Fermin (1992); "Contribución ó Estudio da Cerâmica de Construcción na Galicia Romana (I)", in *Galicia: da Romanidade à Xermanización; Problemas históricos e culturais*. Actas do encontro científico en homenaxe a Fermin Bouza Brey (1901-1973). Santiago de Compostela.

PINTO, Carla Cristina Teixeira (1998); "Centro Oleiro de Santa Comba de Vila Nova de Foz Côa". In *Olaria*, nº 2, Barcelos, pp. 82 a 87.

RODRIGUES, Adriano Vasco (1983); *Terras da Meda - Natureza e Cultura*. Câmara Municipal da Meda.

TESTINI, Pasquale (1980); *Archeologia cristiana*, 2ª edição. Edipaglia, Bari.

TURINA GÓMEZ, Araceli (1994); *Cerâmica medieval y moderna de Zamora*. Diputacion de Zamora.

* Mestre em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e assessor cultural do Museu de Ervamoira.

[1] Cf. RSME 1; GUIMARÃES & PEIXOTO, 1988 ou *idem* 1994. O sarcófago encontra-se hoje em exposição no Museu de Ervamoira.

[2] Entre esses vestígios encontra-se um machado neolítico em anfibolito azul que apareceu junto da *taberna* romana do século IV, portanto fora de contexto. Provavelmente foi arrastado pelo arado que lavrou durante não se sabe quantos anos (ou séculos) o local onde descobrimos a estação arqueológica; ver RSME 4 e COIXÃO; 1996, 191.

[3] Tem sido evidente na escavação deste sítio arqueológico a persistência das *tegulae* ao longo de séculos, mas com um evidente abastardamento de fabrico entre o século IV e os seguintes, devendo este aqui ter sido interrompido só no século VII, pois não aparecem nas estruturas medievais, a não ser alguns fragmentos reutilizados em lareiras, fornos de fundição, muros, etc. A este propósito ver GUIMARÃES; 1993 [1987], e PÉREZ LOSADA; 1992.
A cerâmica romana está a ser analisada nas Semanas de Estudos Especializados que o Museu promove na Páscoa, tendo em vista o seu estudo, restauro, exposição e publicação, o mesmo devendo acontecer com a restante cerâmica.

[4] No concelho da Meda o Prof. Adriano Vasco Rodrigues fez o inventário dos lagares e lagaretas antigos (RODRIGUES; 1983, 94); no concelho de Foz Côa o Dr. António do Nascimento Sá Coixão tem igualmente encontrado muitos lagares e lagaretas, tendo publicado também um inventário (COIXÃO; 1996, 94). Em alguns casos as estruturas de produção vinícola aparecem associadas a grandes *dolia*.

[5] Têm sido também encontrados alguns cossoiros em arenito: Cf. RSME 2 e GUIMARÃES & PEIXOTO; 1989, 502 e 508.

[6] As razões de atribuirmos a esta estrutura a função de basílica tem a ver com factores arquitectónicos e arqueológicos: do ponto de vista da planta do edifício encontramos paralelos do século IV em Bona e Xanten (Cf. TESTINI; 1980, 279/280); do ponto de vista arqueológico, o tipo de espólio aparecido no interior (ou a sua ausência), o *chrismon*, dois fragmentos de mandíbula humana, provavelmente relíquias, e o aparecimento, já em 1996, de uma "caixa" cúbica em granito com um grande fóculo, que interpretamos como uma pedra de ara e lipsanoteca, mas entretanto reutilizada para afiar ferramentas na ferraria medieval (Cf. RSME 10; GUIMARÃES; 1995; RSME 11 e GUIMARÃES; 1996 b).

[7] Este fusilhão, ou espigão, foi referido no RSME 2 e publicado em GUIMARÃES & PEIXOTO; 1989, pp. 501 e 508. Aparece fotografado em COIXÃO; 1996, 191.

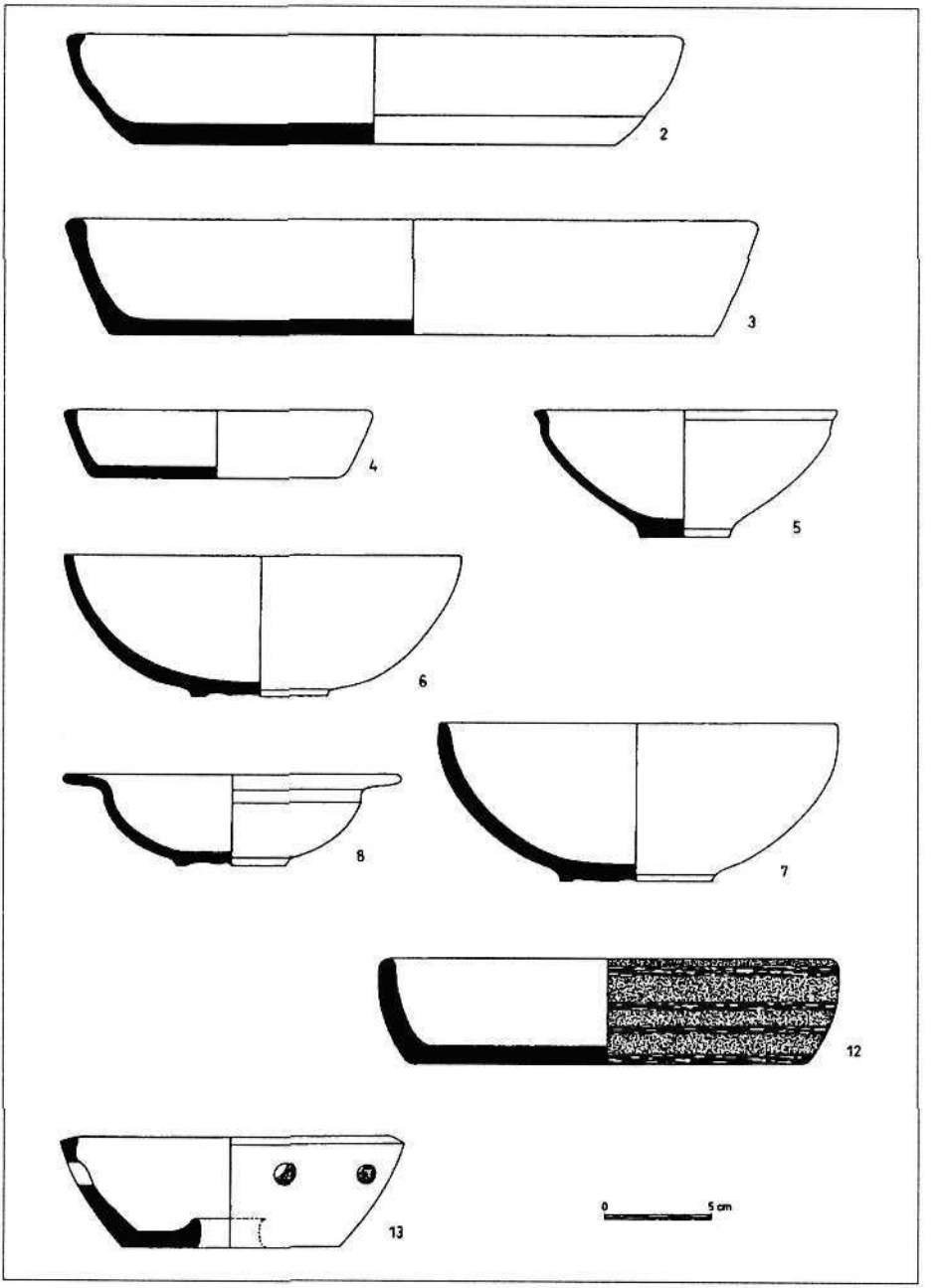
[8] Devo ao Dr. Manuel Real a sugestão deste enquadramento cronológico - cultural, se bem que o contexto em que apareceu sugira uma data um pouco mais recuada, ou seja, o período visigótico. Uma cronologia pois a aferir.

[9] Uma peça algo semelhante com orifícios laterais e vários no fundo, em cerâmica grosseira avermelhada, e o fundo de outra em cerâmica grosseira cinzenta, existem no Museu Britânico, tendo aparecido num edifício "romano-britânico" (*Guide...*; 1951, 33 e 34). São aqui denominadas "cheese-press".
Um outro exemplar semelhante, sem orifícios laterais e com um grande orifício central no fundo e seis amendoados em volta, atribuída à Idade Média e descrita como manteigueira foi publicada por TURINA GOMEZ; 1994, 57, 59 e 122.

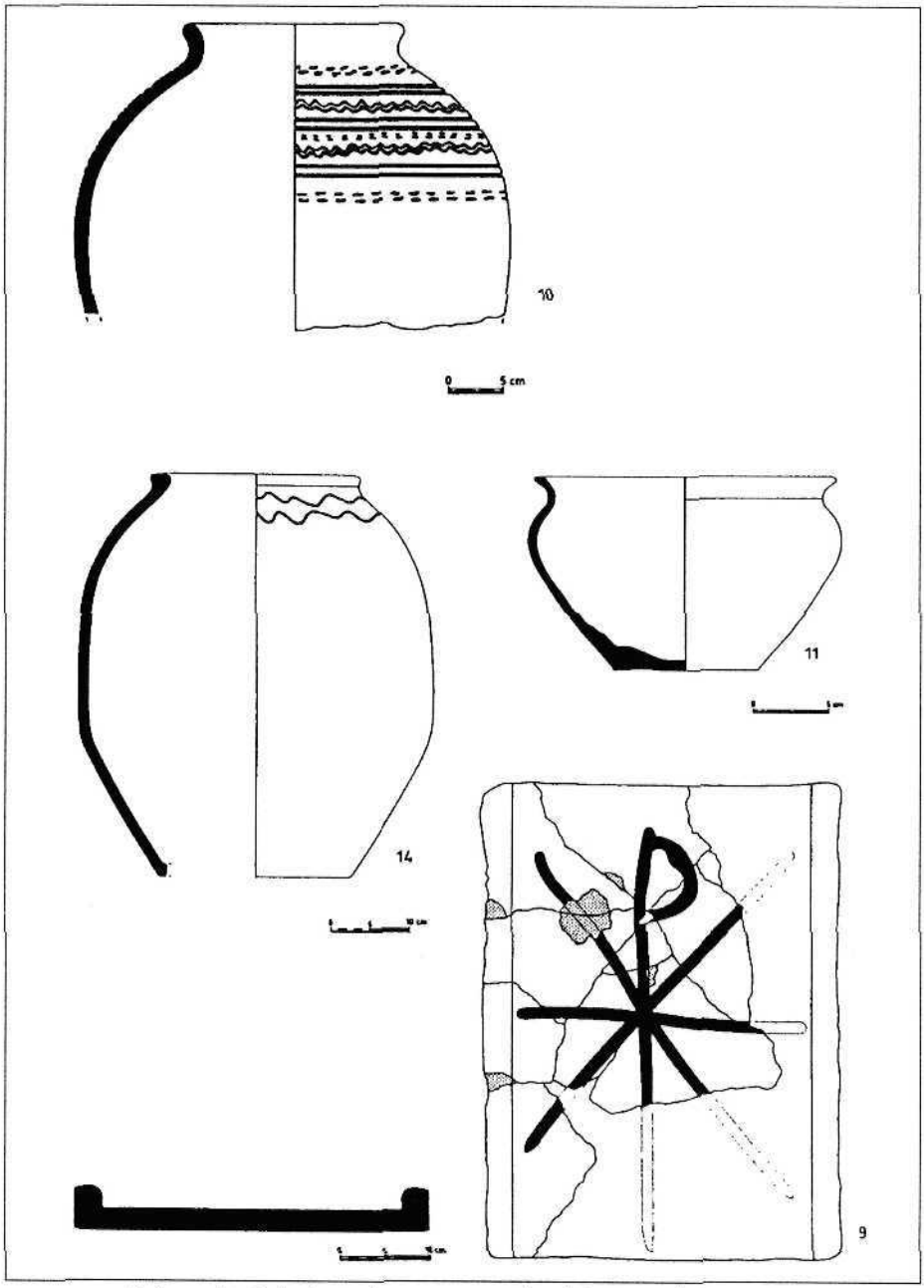
[10] No Museu de Ervamoira estão expostos algumas peças cerâmicas com cerca de meio século do extinto centro de Santa Comba, as quais foram estudadas pela nossa colaboradora Drª Carla Pinto (Cf. GUIMARÃES; 1997, 36, 37) a qual prepara um estudo monográfico sobre esta produção, integrado nos projectos de investigação do Museu (Cf. PINTO; 1998, 82 e segs).

[11] A criação do Museu de Ervamoira foi por nós proposta à Administração da Casa Adriano Ramos Pinto em 1995, como corolário da luta contra a construção da barragem do Côa (Cf. RSME 11). Em 1996 elaboramos o texto programático (GUIMARÃES; 1996 a) o qual foi apresentado localmente a 12 de Outubro de 1996 ao Primeiro Ministro Engº António Guterres e ao Ministro da Cultura Prof. Doutor Manuel Maria Carrilho. O projecto de adaptação foi do Arquitecto Arnaldo Pimentel Barbosa e o empreiteiro foi o Sr. Eduardo Santos, tendo as obras começado em Abril de 1997. A 6 de Junho desse mesmo ano é o projecto apresentado ao Presidente da República Dr. Jorge Sampaio, ao Rei de Espanha Juan Carlos e ao Presidente da UNESCO Federico Mayor, aquando da sua visita ao Vale do Côa, tendo uma súbita cheia do rio impedido que visitassem as obras em curso, pelo que os painéis sobre os trabalhos arqueológicos e arquitectónicos foram mostrados numa estrutura improvisada na praia fluvial da Penascosa. O Museu foi inaugurado a 1 de Novembro desse mesmo ano pelo Ministro da Cultura acima referido e pela Drª. Luísa Guterres.

[12] O *chrismon* cruzado, ou monograma "eusebiano" do nome de Cristo, aparece nas catacumbas de Roma nos finais do século IV (TESTINI; 1980, 355). Daí propormos para o de Ervamoira o século V. Note-se que este tipo de *chrismon* é dos mais raros em toda a arqueologia paleocristã.



Estampa I - Cerâmica tardo-romana e medieval do Museu de Ervamoira



Estampa 2 - Cerâmica tardo-romana e medieval do Museu de Ervamoira